

Leocadia

Prestes

Mãe Coragem!

Lygia Prestes • 2006

Leocádia Felizardo Prestes nasceu no dia 11 de maio de 1874, em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.

Seu pai, Joaquim José Felizardo, abastado comerciante, foi um homem culto, de idéias liberais, partidário da Abolição e da República. Sua mãe, Ermelinda Ferreira de Almeida, descendia da aristocracia portuguesa. Contudo, era pessoa de idéias abertas e partilhava plenamente os ideais de justiça social de seu marido.

Dotada de caráter enérgico e independente, Leocádia Prestes destacou-se, desde cedo, das jovens da sua classe social. Educada segundo os moldes tradicionais da época, falava vários idiomas, era exímia pianista, estudou pintura, canto, declamação. No entanto, tais predicados, que lhe permitiam brilhar nos salões, não lhe bastavam. Ela gostava

ria de desenvolver alguma atividade útil e, ainda adolescente, manifestou o desejo de ser professora pública, o que evidentemente não pôde ser concretizado devido aos preconceitos sociais. A política e os problemas sociais a interessavam muito, pelo que era leitora apaixonada dos jornais da Corte, fato inusitado entre as moças de seu tempo.

Em 1896, casou-se com o capitão Antônio Pereira Prestes, engenheiro militar, que havia sido aluno de Benjamim Constant, na Escola Militar da Praia Vermelha, e participara, ainda cadete, da proclamação da República, no Campo de Santana. Era um homem de vasta cultura, partidário do Positivismo, que era a corrente filosófica mais progressista no Brasil, no fim do século XIX.

O convívio com o marido muito contribuiu para que Leocádia Prestes ampliasse sua cultura geral e aprofundasse ainda mais o seu interesse pela política e pelas questões sociais. Anos mais tarde, ela contaria aos filhos a ansiedade com que ela e o marido viveram episódios como a Guerra de Canudos ou o célebre Caso Dreyfus, na França, que comoveu todos os setores progressistas, na passagem do século.

A morte prematura do marido deixou-a em situação muito precária. A exígua pensão não era suficiente para o sustento dos filhos. O caminho mais fácil teria sido arrimar-se a algum parente rico. Ela preferiu, porém, conservar a sua independência e partira para a luta.

Começou a dar aulas de idiomas e de música, trabalhou de modista, foi balconista e até costuras fez para o Arsenal de Marinha. Finalmente, em 1915, conseguiu ser nomeada professora da Escola Pública, como coadjuvante do ensino primário, cargo que exerceu até 1930. Trabalhava à noite, nos cursos noturnos destinados a comerciários, operários e domésticas.

Era um trabalho muito pesado, pois tais cursos funcionavam em escolas dos subúrbios do Rio, longe da condução, freqüentemente no alto dos morros. Pela primeira vez em sua vida, ela pôde ter um maior contato com as camadas mais pobres da sociedade e isso aguçou ainda mais a sua revolta contra as injustiças sociais. Em pouco tempo, tornou-se muito estimada pelas alunas, pois era uma das poucas professoras, naquele tempo, que não admitiam discriminações, tratando da mesma

forma a comerciária bem arrumada e a cozinheira de roupa surrada ou a operária de tamancos. Com sua atitude, ela procurava transmitir a seus alunos, além dos conhecimentos elementares, noções de justiça social, de igualdade e dignidade humana.

Aliás, ao educar os filhos, sua grande preocupação foi sempre a de inculcar-lhes o amor ao trabalho e o sentimento do dever cívico. Procurou sempre mostrar-lhes os aspectos negativos da vida, ensinando-lhes a enfrentar com altivez a violência e as arbitrariedades dos poderosos e a jamais curvar-se ante as injustiças. Dotada de grande sensibilidade artística, procurou sempre transmitir aos filhos o seu amor à natureza e a sua admiração por tudo que é belo e elevado. Uma sonata de Beethoven ou um belo poema, um pôr do sol ou o desabrochar de uma flor, a emocionavam igualmente.

A árdua luta pela sobrevivência não fez diminuir seu interesse pelo que ocorria na sociedade e no mundo. Mesmo nos momentos mais difíceis, em sua casa podia faltar pão, mas nunca faltou pelo menos um jornal diário, para acompanhar os acontecimentos políticos, que discutia e comentava com os filhos. Assim, em 1910, empolgou-se com a Campanha

Civilista de Rui Barbosa e fazia questão de comparecer aos comícios, levando consigo o filho mais velho, Luiz Carlos, que contava apenas doze anos de idade, para que ouvisse a pregação cívica do mestre baiano.

Por isso mesmo, em 1922, quando seu filho Luiz Carlos, já oficial do Exército, começa a participar da política, atuando na preparação (do primeiro Cinco de Julho), ela lhe deu todo o apoio, incentivando-o inclusive a continuar a luta, após a derrota do movimento.

Em 29 de outubro de 1924, ocorreu o levante de Santo Ângelo, liderado por Luiz Carlos Prestes, dando início à grande marcha através do Brasil que duraria até fevereiro de 1927. Foram anos muito duros para as famílias dos participantes da Coluna. As únicas notícias que recebiam eram as fornecidas pelo governo, sempre as piores possíveis: a Coluna teria sido dizimada, seus chefes exterminados... Mais de uma vez os jornais do Rio abriram manchetes escandalosas anunciando a morte de Prestes e de seus companheiros.

Leocádia Prestes, mesmo sabendo que a vida do filho corria permanente perigo, nunca perdeu a coragem e a confiança no filho. Jamais alguém a viu

chorar. Para que não houvesse dúvidas sobre o seu apoio integral às idéias do filho, ela trazia sempre ao peito, bem visível, um grande medalhão com o retrato dele. Sua firmeza impressionava a todos que a conheciam. Em pouco tempo, sua casa tornou-se a Meca das famílias dos outros revolucionários, que a procuravam em busca de alento e consolo.

Com a suspensão da censura à imprensa, em 1927, os feitos heróicos da Coluna tornaram-se conhecidos do povo brasileiro, comovendo o país. Luiz Carlos Prestes passou a ser considerado herói nacional – o Cavaleiro da Esperança – e Leocádia Prestes era a Mãe de todos os brasileiros. Sua modesta casa de subúrbio fervilhava de amigos, admiradores e políticos de todos os matizes.

Em 1930, um grupo de políticos, encabeçado por Getúlio Vargas, aproveitando o prestígio de Luiz Carlos Prestes e do movimento Tenentista, organizou um golpe de Estado. Os tenentes, antigos participantes da Coluna, deixaram-se iludir e aderiram em massa ao Movimento de 30. Luiz Carlos Prestes, convidado, recusou-se a participar, por considerar que o Movimento não traria nenhum benefício ao povo brasileiro. Em maio de

1930, lançou um manifesto, denunciando o golpe que se preparava e pregando uma revolução verdadeiramente popular, agrária e antiimperialista. O manifesto, qualificado de comunista, caiu no Brasil como uma bomba. Como num passe de mágica, todos os admiradores e políticos abandonaram a casa de Leocádia Prestes. Em público, viravam-lhe as costas. Ela reagia com altivez, reiterando a sua solidariedade ao filho querido.

Meses mais tarde, convencida de que o filho não poderia retornar ao Brasil tão cedo, ela, mais uma vez, demonstrou toda sua coragem: licenciou-se do emprego, liquidou a casa e, acompanhada das quatro filhas, partiu para a Argentina, para ficar ao lado do filho. Iniciava-se, então, um longo exílio do qual ela não retornaria à pátria.

Em Buenos Aires, onde se radicaram, a vida foi extremamente difícil. Com a crise dos anos 30, era impossível conseguir trabalho. Poucos dias após a chegada da família, Prestes foi preso, ameaçado pela polícia argentina, sendo obrigado a asilar-se em Montevideú. Com isso, perdeu o emprego. Leocádia Prestes permaneceu em Buenos Aires, com as filhas, lutando como podi-

am para sobreviverem. Foi nesse período que elas e as filhas se aproximam do marxismo.

Em 1931, Luiz Carlos Prestes foi convidado pelo governo soviético para trabalhar como engenheiro no Primeiro Plano Quinquenal. Sua família, mais uma vez, não vacilou em acompanhá-lo, decidindo seguir com ele para a União Soviética. Às pessoas que se surpreenderiam com a sua decisão, Leocádia Prestes dizia: “se meu filho seguiu este caminho, este é o caminho certo”.

Contudo, seu primeiro contato com a sociedade socialista não foi fácil. Arrasada por duas guerras, a União Soviética atravessava enormes dificuldades. Faltava tudo. Para uma senhora de quase sessenta anos, de origem aristocrática e que havia passado toda a sua vida sob outro regime, a realidade soviética suscitava muitas dúvidas. Seu espírito de justiça, porém, ajudou-a a superar as incompreensões. Pouco a pouco, ela foi compreendendo a causa das dificuldades e a grandeza da luta e dos sacrifícios do povo soviético. O entusiasmo do povo a contagiava. Muito contribuiu também para a sua formação política o processo de Leipzig, em 1934, contra o revolucionário búlgaro George Dimitrov, cuja firmeza re-

volucionária perante o tribunal nazista a impressionou profundamente. Aos sessenta anos de idade, ela aderiu, conscientemente, às idéias marxistas.

Em agosto de 1934, Luiz Carlos Prestes foi finalmente aceito no Partido Comunista, terminando assim sua longa e penosa trajetória do tenentismo ao marxismo. E, a 29 de dezembro do mesmo ano, partiu para o Brasil, para a luta clandestina.

Iniciou-se, então, para Leocádia Prestes, um longo período de grande sofrimento. Se, por um lado, apoiava integralmente o caminho seguido pelo filho, por outro lado, só a idéia de perdê-lo a fazia sofrer intensamente. Ela não duvidava de que, se o filho fosse preso, seria morto. Contudo, procurava manter-se firme. Foi nessa época que, buscando uma forma de participar da luta, resolveu aprender datilografia a fim de ajudar na cópia e tradução de documentos.

Em 5 de março de 1936, Luiz Carlos Prestes foi preso no Rio de Janeiro, junto com sua companheira Olga Benário. Graças à coragem de Olga, que o protegeu com seu corpo, não conseguiram matá-lo no ato da prisão. Mas a sua vida corria perigo iminente. A qualquer momento, poderiam

“suicidá-lo” na prisão, como era costume na época. Foi decidido, então, levantar uma campanha internacional em defesa da vida de Prestes e de todos os presos no Brasil. E Leocádia Prestes foi escolhida para encabeçar essa campanha.

Aquela foi a sua primeira missão política. Tarefa difícil para uma senhora de sessenta e dois anos que havia sido, até então, apenas mãe de família e, quando muito, professora de subúrbio. Contudo, ela não desanimou. Acompanhada de sua filha Lygia, partiu de Moscou, em fins de março de 1936, dando início à campanha.

Foram vários anos de árduo trabalho. Eram comícios, conferências de imprensa, visitas a jornais e sindicatos, a partidos políticos, parlamentos ou a chefes de governos. Viagens freqüentes e demoradas. Era um trabalho extenuante para uma pessoa de sua idade.

Com sua filha, ela percorreu os principais países europeus, denunciando o terror desencadeado no Brasil, o perigo de morte para os presos políticos e pedindo solidariedade e apoio para a sua luta. Em pouco tempo, a campanha se estendeu aos outros continentes. Comitês de defesa de

Prestes foram criados nos Estados Unidos, na América Latina, na Austrália e na Nova Zelândia. Do mundo inteiro, o governo brasileiro era bombardeado com milhares de cartas, telegramas de protesto, manifestos de toda a sorte, exigindo a libertação de Prestes e de seus companheiros ou, pelo menos, o respeito às suas vidas.

Em fins de 1936, com a extradição de Olga Benário para a Alemanha nazista, a campanha se duplica. Surge uma campanha paralela, destinada a salvar a vida de Olga e do bebê que estava para nascer. Leocádia Prestes e sua filha vão a Genebra pedir a ajuda da Sociedade das Nações e da Cruz Vermelha Internacional. Graças às gestões, foi possível receber, já em 1937, algumas notícias de Olga e de sua filhinha, Anita Leocádia, nascida em 27 de novembro de 1936.

Três vezes Leocádia Prestes foi com sua filha à Alemanha, enfrentar a Gestapo e exigir a libertação de Olga e da criança.

Delegações de vários países foram também a Berlim, com o mesmo objetivo. Malgrado todos os esforços, não foi possível salvar Olga. O mais que se obteve foi a libertação da pequena Anita

Leocádia, em janeiro de 1938, e a vaga promessa da Gestapo de que Olga seria libertada um pouco mais adiante. Ao contrário disso, Olga foi enviada a um campo de concentração, em Ravensbrück, e assassinada em abril de 1942.

Ante a iminência da guerra, Leocádia Prestes vê-se forçada a deixar a Europa. Com a filha e a neta, parte para o México, cujo presidente, General Lázaro Cárdenas, concedera-lhes asilo. Foi um golpe muito duro, pois ela bem compreendia que a mudança para o México tornaria muito mais difícil qualquer ajuda à nora querida.

No México, a campanha prosseguiu, já então limitada às Américas, pois o resto do mundo estava convulsionado pela guerra. Com a guerra, Leocádia Prestes perde o contato com Olga e também com as outras filhas que haviam ficado em Moscou. Além da sorte do filho, na prisão, preocupa-a agora também a situação dos seus outros entes queridos, ameaçados pelas bombas nazistas. Contudo, a coragem e a fé na vitória final não a abandonaram jamais. Quando as hordas nazistas avançavam pela União Soviética, ela costumava dizer aos amigos assustados: “Vocês não conhe-

cem aquele povo! Quem passou tantas privações e sofrimentos para construir o socialismo em seu país, não vai fraquejar agora. Eles são invencíveis!”

Leocádia Prestes não teve a alegria de assistir à vitória final dos povos sobre o nazismo nem a libertação dos presos políticos, no Brasil, em 1945. Após longa e penosa enfermidade, ela veio a falecer no México, no dia 14 de junho de 1943.

Sua morte comoveu o povo mexicano, que a admirava muito. Ao velório, no salão nobre do Sindicato dos Empregados em Hotéis, no centro da cidade do México, compareceram milhares de pessoas, inclusive numerosos estrangeiros, fugidos do nazismo e também asilados no México. Todos os ministros de Estado estiveram presentes, com seus auxiliares, a começar pelo general Cárdenas, na época Ministro da Defesa, no Governo de Ávila Camacho. O general Cárdenas tomou a iniciativa de dirigir-se pessoalmente a Getúlio Vargas, pedindo-lhe que permitisse a Prestes vir ao México despedir-se de sua mãe. Propunha enviar um avião militar mexicano para trazer o prisioneiro e oferecia-se, inclusive, como refém, como garantia de que Prestes voltaria à prisão. Getúlio sequer respon-

deu. Quatro dias e quatro noites o povo aguardou a resposta, em respeitosa vigília.

No dia 18 de junho de 1943, realizou-se o enterro, que se transformou em uma verdadeira manifestação popular. O cortejo atravessou toda a cidade a pé, até as colinas de Tacubaya, onde ficava o cemitério. O caixão, coberto pela bandeira brasileira, foi levado em ombros e cercado por uma guarda de honra que levava as bandeiras de todas as Nações Unidas que, naquele momento, travavam a luta contra o nazismo. À beira da sepultura, vários oradores se fizeram ouvir, inclusive representantes de outros países latino-americanos, como Cuba, Uruguai, Chile e, também, de países europeus, principalmente alemães e espanhóis. O grande poeta chileno Pablo Neruda leu o seu Poema Dura Elegia, escrito especialmente para aquele triste momento, no qual ele define a importância da vida de Leocádia Prestes com estas singelas palavras: “Señora, hiciste grande, más grande, a nuestra América...”.

DURA ELEGIA* (1943)

por Pablo Neruda

(En la tumba de la Señora Leocadia Prestes)

Señora, hiciste grande, más grande, a nuestra América.

Le diste un río puro, de colosales aguas:

le diste un árbol alto de infinitas raíces:

un hijo tuyo digno de su patria profunda.

Todos lo hemos querido junto a estas orgullosas

flores que cubrirán la tierra en que reposes,

todos hemos querido que viniera del fondo

de América, a través de la selva y del páramo,

para que así tocara tu frente fatigada

su noble mano llena de larueles y adioses.

Pero otros han venido por el tiempo y la tierra,

señora, y te acompañan en este adiós amargo

para el que te negaron la boca de tu hijo

y a él el encendido corazón que guardabas.

Para tu sed negaron el agua que creaste.

*El manantial remoto de su boca apartaron.
Y no sirven las lágrimas en esta piedra rota
en que duerme una madre de fuego y de claveles.*

*Sombras de América, héroes coronados de furia,
de nieve, sangre, océano, tempestad y palomos,
aquí: venid al hueco que esta madre en sus ojos
guardaba para el claro capitán que esperamos:
héroes vivos y muertos de nuestra gran bandera:
O'Higgins, Juárez, Cárdenas, Recabarren, Bolívar;
Marti, Miranda, Artigas, Sucre, Hidalgo, Morelos,
Belgrano, San Martín, Lincoln, Carrera, todos,
venid, llenad el hueco de vuestro gran hermano
y que Luis Carlos Prestes sienta en su celda el aire,
las alas torrenciales de los padres de América.*

*La casa del tirano tiene hoy una presencia
grave como un inmenso ángel de piedra,
la casa del tirano tiene hoy una visita
dolorosa y dormida como una luna eterna,
una madre recorre la casa del tirano,
una madre de llanto, de venganza, de flores,
una madre de luto, de bronce, de victoria,
mirará eternamente los ojos del tirano,
hasta clavar en ellos nuestro luto mortal.*

*Senõra, hoy heredamos tu lucha y tu congoja.
Heredamos tu sangre que no tuvo reposo.
Juramos a la tierra que te recibe ahora
no dormir ni sonār hasta que vuelva tu hijo.
Y como en tu regazo su cabeza faltava
nos hace falta el aire que en tu pecho respira,
nos hace falta el cielo que su mano indicaba.
Juramos continuar las detenidas venas,
las detenida llamas que en tu dolor crecían.
Juramos que las piedras que te ven detenerte
Van a escuchar los pasos del héroe que regresa.*

*No hay cárcel para Prestes que esconda su diamante,
el pequeño tirano quiere ocultar el fuego con sus
pequeñas alas de murciélago frio
y se envuelve en el turbio silencio de la rata
que roba en los pasillos del palacio nocturno.*

*Pero como una brasa e centella y fulgores
a través de las barras de hierro calcinado
la luz del corazón de Prestes sobresale.
Como en las grandes minas del Brasil la esmeralda,
como en los grandes rios del Brasil la corriente,
y como en nuestros bosques de índole poderosa
sobresale una estatua de estrellas y follaje,
un árbol de las tierras sedientas del Brasil.*

*Señora , hiciste grande, más grande, a nuestra América.
Y tu hijo encadenado combate com nosotros,
a nuestro lado, lleno de luz y de grandeza.
Nada puede el silencio de la araña implacable
contra la tempestad que desde hoy heredamos.
Nada pueden los lentos martírios de este tiempo
contra su corazón de madera invencible.*

*El látigo y la espada que tus manos de madre
pasearon por la tierra como un sol justiciero
iluminan las manos que hoy te cubren de tierra.*

*Mañana cambiaremos cuanto hirió tu cabello.
Mañana romperemos la dolorosa espina.
Mañana inundaremos de luz la tenebrosa
cárcel que hay en la tierra.
Mañana venceremos.
Y nuestro Capitán estará com nosotros.*

**Extraído de “Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes:
correspondência da prisão (1936-1945)”, volume II/Anita Leocadia
Prestes e Lygia Prestes (apresentação, seleção e notas). Rio de
Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2002.*

CORRESPONDÊNCIAS
DA PRISÃO*
(1936-1945)

México, 21/06/1943

Meu querido e saudoso irmão.

Ainda sob a dolorosa impressão do duro golpe que acabamos de sofrer, faço-te estas linhas num esforço por restabelecer a correspondência contigo. Meu querido irmão, como me é difícil escrever-te! Não encontro palavras para traduzir o que me vai n'alma, tantos e tão contraditórios são os sentimentos que me dominam ainda. Sinto apenas que acabo de viver uma imensa tragédia, nesta última quinzena, e há momentos em que tudo isso me parece um terrível pesadelo, tão brutalmente se precipitaram os acontecimentos.

Desde sexta-feira última, repousam em terra mexicana. Os restos da nossa adorada Mãe. Quatro dias e quatro noites velei junto ao seu corpo, que as injeções não deixaram enrijecer, pelo que me dava, às vezes, a impressão de que estava adormecida. Velava e esperava que te permitissem vir

contemplar, pela última vez, o rosto da nossa mão e acompanhar-me nos derradeiros instantes, naqueles terríveis momentos em que ia desaparecer para sempre. Lamentavelmente, assim não aconteceu e, no dia 18, às 2 horas da tarde, o corpo de nossa querida baixava à terra, na minha presença e na de alguns milhares de amigos que, a pé, em silenciosa mas expressiva manifestação de solidariedade, a acompanharam até a última morada. O que senti, quando vi o esquife descer, lentamente, às profundezas da sepultura, não te poderia dizer aqui. Nenhuma palavra seria capaz de traduzir a tempestade que senti no meu coração: um misto de dor e revolta, que se fundiam num sentimento único, indescritível.

Os dias que se seguiram foram difíceis para mim, principalmente porque me era impossível fixar a atenção no que quer que fosse. Por mais que me esforçasse, não podia afastar o pensamento das cenas vividas nos últimos dias e era preciso exercer um controle permanente sobre mim mesma para não me tornar importuna aos amigos. Estes têm sido incansáveis, devo dizer-te, para tua tranqüilidade. Felizmente, hoje me sinto mais

calma e aproveito estes momentos em que estou só para fazer-te esta carta com que reinicio a nossa correspondência.

Depois da minha carta de 30/05, não me foi mais possível escrever-te, até hoje. Primeiramente, a brutalidade da última crise esmagou-me literalmente, e todos os minutos eram poucos para atender à minha querida enferma. Depois, comecei a esperar que viesses até cá, e nessa espera se passaram os dias... Por este motivo e para que não te assustes com a falta das minhas cartas, que deves começar a sentir a partir do fim deste mês, envio-te hoje, por intermédio do Dr. Sobral, um telegrama explicativo, do qual te informará o Dr. Sobral na próxima quinta-feira, se não me falham os cálculos.

Espero, e me esforçarei por cumprir com este meu propósito, que a nossa correspondência já não venha a sofrer mais interrupções nem atrasos por culpa minha. Falecida a Mamãe, tocou-me a mim recolher a sua gloriosa herança e, desde este momento, proponho-me a levar avante a tarefa iniciada por ela, tanto em relação a ti como à Anita.

Quanto a esta última, espero que me digas o que desejas que eu faça com ela. Meu intuito é o de

conservá-la comigo e creio, sem presunção, que terei forças e autoridade para educá-la e guiá-la na vida, apoiando-me para isto nos exemplos extraordinários de dignidade e firmeza que a nossa mãe nos legou, com a sua vida. Sei, no entanto, que alguns amigos, talvez receosos da minha inexperiência, têm a intenção de recolher a Anita, desde que estas de acordo, é claro. Um deles é o general Lázaro Cárdenas, atual ministro da Guerra e grande amigo nosso. O falecimento da nossa Mãe tocou-o profundamente, a ponto de que fez questão de presidir o luto, ao meu lado, e estou informada de que o preocupa muito o futuro da nossa Anita.

Meu reconhecimento ao general Cárdenas, pelas atenções e carinho paternal com que me rodeou, numa hora tão penosa, não tem limites, porém não me conformo com a idéia de separar-me de Anita. Ademais, parece-me que só eu, na tua falta e na das manas, estarei em condições de manter viva, no coraçãozinho da Anita, a recordação da Avó – a quem ela deve a vida – além do amor aos Pais, à nossa família e tradições, à nossa Pátria. E isso é o que mais me preocupa. Enfim, tu me dirás o que pensas a respeito.

Anita está bem de saúde. Desde uns dias antes do falecimento da Mamãe, entreguei-a a uns amigos de toda a minha confiança, para que não assistisse ao sofrimento que precedeu a agonia, propriamente dita, pois temi que ficasse impressionada demais. Continua na casa desses amigos, por enquanto, porque estou me preparando para mudar, liquidar parte da casa, etc. Ando muito ocupada e não poderia cuidar dela direito. Falamo-nos por telefone e fiz que a trouxessem, uma vez, ao velório, para que se despedisse da sua querida Vovó. Sua emoção foi muito forte, mas creio que lhe seria mais prejudicial nunca mais ver a Avó. O sentimento de perda seria ainda maior. Assim que me mude e me instale, irei buscá-la.

Meu querido irmão, perdoa-me que não te diga nada dos últimos momentos da nossa Mãe. Proximamente, vou mandar-te um relatório completo, detalhado, sobre tudo o que se passou aqui, mas hoje a tarefa me seria impossível. Também quero mandar-te fotos do velório e do enterro, mais ainda não estão prontas. Junto encontrarás uma foto que recortei de uma revista, na qual estamos as três juntas. Foi tirada em meados de maio, pelos dias 19 ou 20.

Adeus, meu querido irmão. Facilmente imaginarás a angústia com que espero tua primeira carta, pois me preocupa sobremodo a tua saúde, depois deste terrível golpe. Quero crer que o Dr. Sobral me escreva também, informando-me da tua situação. Dele recebi um telegrama, em resposta aos três que lhe enviei, porém, como é compreensível, sumamente lacônico. De todos os modos, estou-lhe muito reconhecida por me haver respondido, porque o seu telegrama aliviou-me um pouco o coração.

Recebe muitos beijinhos da Anita, com quem falei hoje pela manhã. Todos os amigos te enviam sinceras condolências. Se não te escrevem diretamente, compreenderás facilmente por quê.

Com os meus mais ardentes votos pela conservação da tua saúde, envio-te com esta o meu mais afetuoso abraço e a expressão da minha inteira solidariedade contigo. A irmã e amiga

Lygia.

Salve o dia 3 de janeiro de 1944!

Querido Papai.

Te mando muitos beijinhos pelo dia dos teus anos, desejando que cumpras muitos mais e que o próximo já o possamos passar todos juntos, com a minha querida Olga e as tias e o Robertinho também. Faltará a Avozinha, mas estará conosco também, pois pensamos muito nela, não a esquecemos nunca. Te prometo estudar muito, em breve poderei escrever sozinha.

A tua filhinha que te quer muito e te abraça e te beija com muitas saudades

Anita.

Feliz e próspero Ano Novo!

México, 30/12/1943.

Meu querido irmão.

Que estas linhas te encontrem com saúde são os meus maiores votos. Já tenho em meu poder tua carinhosa carta de 2 do corrente, que me alegrou com as suas animadoras notícias. Desejo que as minhas cartas continuem chegando aí com a mesma rapidez com que chegaram as de princípio de novembro.

Fiquei contente em saber que já havias recebido o livrinho do Blás – bom sintoma, não cabe dúvida. Espero que os volumes enviados pela Editora Páginas também tenham a mesma sorte. Eram todas obras de valor e algumas eram duplamente valiosas, por serem presentes de amigos cubanos, que gentilmente as cederam para ti, pois se tratavam de obras esgotadas. Alegrou-me também saber que afinal te entregaram a obra de Molina Enriquez. Esperamos que o mesmo aconteça com a outra sobre Zapata, mais exatamente as outras.

Ainda não escrevi ao Blás, transmitindo-lhe as suas observações sobre o seu livro, mas o farei em breve. Tal como pediste, mandarei esse livro para o Alfredo, certamente amanhã. Alegrou-me saber que não há nenhum novo rigor de censura, mas continuo sem explicar-me porque não chegaram às tuas mãos cartas tão inofensivas como as minhas de 5 e 12 de setembro.

Nesta última, eu te contava da festa realizada, naquela data, na “Casa Del Hijo Del Obrero desocupado”. Nesta escola, que é mantida quase que exclusivamente com os donativos dos sindicatos, estão albergadas umas 40 crianças, mas naquele dia havia muitas outras, convidadas. Houve números de música, canto, dança, etc., executados pelos alunos e por alguns artistas de rádio, que gentilmente ofereceram a sua colaboração para a festa. Ao contemplar aquela garotada, não pude deixar de pensar em ti e na alegria que te causaria aquele espetáculo. As crianças ofereceram à Anita uma boneca – “Maria la O”, confeccionada por elas mesmas. Não sei se sabes que “Maria la O” é a personagem principal de uma conhecida novela cubana e é considerada o tipo

perfeito da mestiça cubana – a rumbeira. A boneca veste o traje típico da rumbeira, com a sua trunfa, suas saias de babadinhos, seus colares de miçangas. Na mesma ocasião, ofereceram também à Anita um lindo livro – uma biografia de Simon Bolívar – presente da “Hermandad Ferroviária de Cuba”.

Nossa vida continua sem maiores novidades. Felizmente estamos as duas com saúde, apesar do intenso frio. O nosso bom amigo patrício aparece sempre por aqui e sua esposa, que está ensinando a Anita ler, vem quase diariamente. Enquanto a Mamãe viveu, eles foram o nosso principal apoio e agora, que estamos sozinhas, o são mais ainda. Além das tuas cartas, tenho tido a alegria de receber algumas de Cuba, mas de nenhum outro lado recebo notícias. No dia 27, mandei um telegrama às manas, espero agora a sua resposta.

Continuo indo ao cemitério, nos domingos pela manhã. As paqueretes, que mandei plantar no lugar dos miosótis, que não florescem nesta época, estão todas floridas, dando um ar alegre ao cantareiro. Também os malmequeres amarelos estão todos em flor. Só as roseiras continuam

feias, queimadas pelo frio. Até hoje nada resolvi sobre a sepultura. Depois do que tu escrevestes, sinto-me desorientada e já não sei o que será melhor. Os amigos daqui insistem que se faça algo, chegando a sugerir que se façam coletas em todos os países, onde a Mamãe viveu nestes últimos oito anos, para que o mausoléu representasse uma homenagem de todos os povos que ajudaram a sua luta. A idéia em si é bonita, mas me parece um tanto impraticável e mesmo descabida, neste momento de guerra que vivemos. Não te assustes com a palavra “mausoléu”; utilizo-a porque não conheço outra que represente este “algo de mais perene” de que me falaste uma vez.

Antes de terminar, quero ainda falar-te da festa de Natal. Foi uma tarde de glória para a petizada – houve “piñata”, cantos, danças e cinema. O dono da casa tem uma câmara cinematográfica e filmou as crianças durante as brincadeiras. Espero receber em breve alguns instantâneos da Anita e imagino que tenha saído muito bem, pois estava muito alegre e animada.

Vou ficar por aqui. Muitos beijinhos de Anita. Renovando os meus votos para que o ano de 1944

nos traga pelo menos um pouco de muito que desejamos, envio-te um apertado abraço, cheio de saudades. A irmã muito amiga.

Lygia.

P.S. – Junto te envio umas florezinhas da sepultura da Mamãe.

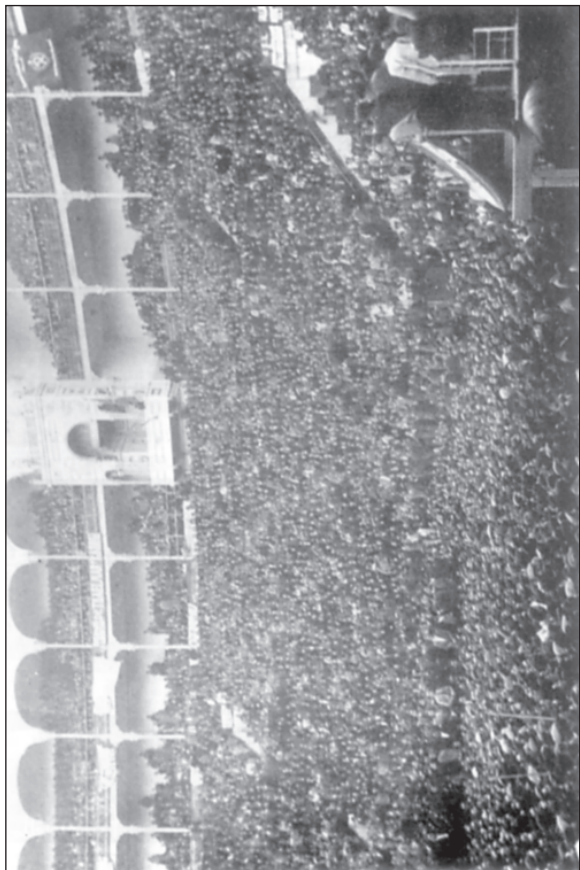
**Extraído de “Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)”, volume II/Anita Leocadia Prestes e Lygia Prestes (apresentação, seleção e notas). Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2002.*



*Comício em Oviedo (Espanha), 24/05/1936,
quando falava o alcaide da cidade pela libertação de
Luiz Carlos Prestes e Olga Benário*



Comício em Bilbao (Espanha), maio/1936



O mesmo comício, vista parcial do público



O Comitê H. Barbusse contra a Guerra e o Fascismo, da França, adere à Campanha Prestes. De pé, da direita para a esquerda, o arquiteto Francis Jourdain e André Malraux. Sentadas, na mesma ordem, Mme. Duchêne, Leocadia Prestes, Lygia Prestes e, de pé, Annete Vida, secretária do Comitê H. Barbusse. Paris, junho/1936



Cartazes de protestos contra a condenação de Prestes e seus companheiros pelo Tribunal de Segurança Nacional, maio/1937. A colagem abrangeu toda Paris e sua periferia



D. Leocadia com a pequena Anita Leocadia, em Paris, maio/1938



D. Leocadia com a neta Anita, no México, 1940. À esquerda, Maria Luísa Carnelli, jornalista argentina e amiga da família



Velório de Leocadia Prestes, falecida no México a 14/06/43. Seu corpo foi velado durante 4 dias na sede do Sindicato dos Hoteleiros, no centro da capital mexicana. Foto da primeira Guarda de Honra: da direita para a esquerda, o general Lázaro Cárdenas, ministro da Defesa do México, Lygia Prestes e Lombardo Toledado, presidente da CTAL (Central dos Trabalhadores da América Latina). Atrás de Cárdenas, oficiais do seu Estado-Maior



Enterro de D. Leocadia, 18/6/43. Precedendo o caixão, a saída da Guarda de Honra com as bandeiras das Nações Unidas. Os soldados que faziam a segurança apresentam armas



Enterro de D. Leocadia. Seu caixão foi levado nos ombros de amigos e companheiros num percurso de cerca de 10km, escoltado por uma Guarda de Honra dos sindicatos, que conduzia as bandeiras das Nações Unidas. Sobre o caixão, a bandeira do Brasil



Enterro de D. Leocadia, Pablo Neruda, o grande poeta chileno, lê, à beira da sepultura, no Cemitério de Dolores, cidade do México, o seu poema “Dura Elegia”, dedicado à “madre heróica”. À sua esquerda, o representante do Partido Comunista no Chile, Salvador Ocampo